

# *Brasil* Economia cresce ao

Garantia é de Sayad e Funaro, que não

VALERIO AYRES

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, terça-feira, 13 de maio de 1986 11

## menos 7% este ano

vêm risco de superaquecimento na demanda

A economia brasileira poderá crescer aproximadamente 7% este ano, segundo previsões levadas ontem ao presidente José Sarney, pelos ministros Dilson Funaro, da Fazenda; e João Sayad, do Planejamento. Apesar disso, contudo, segundo destacaram os ministros, a situação atual ainda não caracteriza uma situação de **superaquecimento** da economia, e o Governo não precisa adotar nenhuma medida para conter a demanda interna.

Para os ministros Sayad e Funaro, os atuais níveis de crescimento do comércio e da indústria estão muito elevados porque comparados a níveis de desempenho dos mesmos meses de março e abril de 1985, quando o País estava saindo da recessão. A partir de maio, contudo, esta comparação vai se tornar mais fidedigna, pois o fluxo de crescimento mantido naquele mês em 1985 já se apresentava normal.

Após a exposição dos ministros, o presidente Sarney pediu que fosse feito um trabalho de identificação de todos os setores que estão com os seus projetos de investimento quase que completos, faltando apenas a aplicação de alguns recursos nas suas

últimas fases.

A idéia do Presidente é completar estes projetos para que se possa ficar em condições de atender à demanda projetada para uma economia com um crescimento de aproximadamente 7%.

Segundo os ministros Sayad e Dilson Funaro, a hora não é de desaquecer a demanda, mas sim de ativar os investimentos nestes setores onde os projetos se encontram em fase mais adiantada, procurando ainda o Governo atrair o setor empresarial, para que ele também eleve aí os seus investimentos.

Destacam-se entre estas áreas complementares que podem ter um grande aumento de demanda com a complementação de projetos, os de energia elétrica e de petroquímica.

O presidente Sarney teme que o crescimento de 7% da economia, ao contrário dos inicialmente previstos 5% a 6% venha a deixar sem atendimento parcela significativa da demanda, gerando, deste modo, pressões inflacionárias estruturais que podem, perfeitamente, segundo o seu entendimento, ser evitadas.